

A recessão

Por mais que alguns setores empresariais pressionem, demandando liquidez, mediante a ameaça de recessão, ainda é cedo para se falar nela e o melhor que o Governo tem a fazer ainda é manter firme o nível da massa monetária em circulação. Se ceder, a inflação volta.

A escassez que começa a ocorrer na ponta do consumo é fruto, de um lado, da redução de preços determinada pela necessidade de fazer Cruzeiros, fato que ocasionou ligeiro aumento do volume de vendas; e, de outro, da resistência da indústria em repor os estoques dos varejistas, à espera de que o quadro mude. É claro que ele vai mudar. Quando cessarem as fontes de Cruzeiros de que a indústria ainda lança mão, os estoques realizados no período superinflacionado de março terão de ser desovados. Só depois, quando esse estoque acabar, se poderá saber se haverá ou não recessão.

Se houver recessão, também não haverá problema, desde que seja curta, bem administrada, o suficiente só para estabelecer um novo patamar de preços na economia, mais baixo do que o atual. Não tendo passado por uma guerra, o Brasil precisa passar por uma recessão, até para efeito pedagógico. Assim muita gente deixará de comprar a quinta televisão a cores, como muitos estão fazendo agora supondo ser essa a melhor forma de proteger a poupança. Uma recessão de dois ou três meses serviria para desativar algumas empresas ineficientes, pa-

ra quebrar a espinha dorsal de alguns cartéis e para introduzir na mente das pessoas a idéia da poupança.

Alguns empresários estão mal acostumados à cultura capitalista sui generis do Brasil. Esta semana, pelo menos dois deles expressaram a opinião de que a queda de preços no consumo não necessariamente determinará queda idêntica na base da produção, ou seja, esses empresários excluem o mercado como instrumento formador de preços. É um equívoco, certamente. Se a retração do consumo se manifestar, porque a população não tem dinheiro ou simplesmente não quer comprar, as consequências recuam em cascata até a indústria, ou elas quebrarão. É assim que funciona o mercado nos países onde ele existe e não sofre as deformações a que tem sido submetido no Brasil.

Empresas que vendem a preços superiores aos que o mercado quer pagar simplesmente fecham ou, o que é mais racional, ajustam seus custos. No Brasil os custos ociosos são ainda muito elevados, a produtividade da economia é baixa, os processos são ineficientes, apenas porque a economia inflacionária paga tudo.

Não cremos que o País caia numa séria recessão, uma vez que a massa monetária remanescente tem capacidade para movimentar a economia. Mas se vier, a despeito dos sacrifícios pessoais que fatalmente imporá, teremos de saudá-la nos seus efeitos pedagógicos positivos.